

A Representação Quilombola nas Mídias Digitais e Alternativas¹

Caroline de Carvalho SOUZA
José Ronaldo MATHIAS
Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, SP

RESUMO

O artigo traça um paralelo entre o passado escravocrata brasileiro a partir do século XVI, com a vivência quilombola no século XXI. No estudo, foram estudadas questões sócio-linguísticas, como a origem da palavra Quilombo, além do conceito de representação e representatividade, relacionando à legislação brasileira e sua falta de representação para com os grupos minorizados. Por meio da análise de conteúdo das redes sociais de comunidades remanescentes quilombolas brasileiras, foi estudado como as mídias digitais podem auxiliar de forma positiva o processo de etnografia de grupos minorizados, uma vez que há falha na representatividade em outras esferas.

PALAVRAS-CHAVE: quilombo, mídia, representação, representatividade, negro

CORPO DO TEXTO

Introdução

Este trabalho originou-se da escassez de pesquisas sobre o povo quilombola e suas relações com as mídias sociais e a contemporaneidade, especialmente sobre a ótica de que os Quilombos são apenas parte do passado brasileiro, e não são vistos como uma organização social que ainda resiste na atualidade.

Por isso, esse artigo trata a vivência Quilombola por meio de uma visão linear dos fatos, ou seja, desde o antes da escravização no Brasil, até a representação dos Quilombos nas mídias sociais. Os recursos de análise sócio-linguística e da legislação brasileira são parte dos primeiros tópicos do texto, para mostrar que o problema de representatividade atinge uma esfera muito maior dos grupos minorizados. Assim, ele é dividido em quatro tópicos sendo Origem e Significação, Representação e Representatividade, Legislação e Mídia Preta e Análise de conteúdo Quilombola.

¹ Trabalho submetido para IJ - 26º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 1º a 3 de junho de 2023.

“O discurso não é apenas a fala, é a violência em si. Por si só, ele já é extremamente perigoso, mas é necessário lembrar que ações não partem do nada. Antes de terem ações, há ideias, há discursos.” Assim como no trecho, durante todo o artigo o discurso é mostrado como uma ferramenta de poder muito efetiva.

O trabalho é importante em quatro principais aspectos: destacar a mídia alternativa como o local em que vozes oprimidas podem ter espaço de fala; trazer à tona que a história brasileira percorre séculos, e que os povos quilombolas não fazem somente parte do passado, mas do presente, demonstrar por meio da análise de conteúdo como as mídias sociais auxiliam na disseminação de informações e apresentar as consequências da escravização no Brasil por meio da vivência quilombola na atualidade.

Metodologia

A metodologia utilizada no trabalho foi a qualitativa, tendo como base de investigação a linguística e a análise de conteúdo, especialmente focadas em uma análise racial dos dados coletados.

Resultados e discussões

No primeiro tópico do artigo, Origem e Significação, é discutida a origem linguística da palavra Quilombo e sua relação com o continente africano até sua chegada no Brasil, como local de fuga aos escravizados e grupos minorizados. Citando o artigo:

a palavra ‘Quilombo’ é um exemplo de palavra que carrega uma forte história e contexto sociolinguístico. A sua história dentro do continente africano é extensa, e enquanto mais tarde fora comprovada como de língua bantu, perpassou diversos povos e conflitos até ser estabelecida como tal (MUNANGA, 1996). Sua chegada até o território brasileiro se deve aos povos falantes da língua que foram sequestrados de seus locais e forçosamente trazidos em longas viagens sob condições sub-humanas através do Oceano Atlântico para exercer trabalho escravo”.

Ademais, conta a necessidade de compreensão da história escravocrata brasileira e como compreender o Brasil é entender que a história do país é marcada pela mescla de diversos povos que habitaram seu território, entendendo, principalmente, que esses povos chegaram ao país de forma forçada e violenta. Para fins de representação à época dos fatos, é apresentando um trecho do poema Navio Negreiro de Castro Alves, poeta que viveu em meio a vinda dos navios negreiros.

A seguir, em Representação e Representatividade, fala-se sobre as palavras representação e representatividade e como por mais que elas pareçam ser utilizadas com frequência, pouco se sabe sobre suas origens.

Nesta parte, a colonização e os processos de escravização são retomados ao mostrar que a representação e a representatividade são necessárias, partindo da ideia de que toda a mentalidade é contagiada pela visão colonialista, e mais tarde normalizada pela visão eurocentrista:

“Assim, embora a ideia de representar algo pareça simples, voltar no tempo e entender os processos coloniais torna todo o conceito bem mais intenso. Falar de representação e representatividade não é possível sem ligar diretamente ao processo histórico de colonização. Trazendo de exemplo o próprio histórico colonial brasileiro, desde o primeiro relato dos colonizadores nas terras latino-americanas sempre esteve explícito a partir do uso da língua a sua visão sobre as terras e seus habitantes. ‘Selvagens’ e ‘pudor’ são palavras negativas constantemente repetidas.”

Para embasar, uma pesquisa sobre a infância e a utilização do “lápiz cor de pele” é apresentada para demonstrar que a ótica colonialista está na mentalidade deste os primórdios de uma vida humana.

Aproximando-se da contemporaneidade, o tópico Legislação e Mídia Preta fala sobre como a Lei Áurea em 1888 e afunila com foco nas pessoas negras e quilombolas, mostrando que tanto a Lei Áurea quanto as leis seguintes pouco mudaram a vida da população liberta da escravização, especialmente das pessoas negras e como eles eram destituídos de sua cidadania já que

“o direito ao voto é uma das formas de garantir a cidadania. Até o ano de 1934, o voto não era um direito concedido a mulheres, negros, indígenas, pobres e analfabetos, ou seja, as populações minoritárias não eram consideradas cidadãs.”

Pela falta de representação na legislação brasileira, os grupos minorizados tiveram de buscar outras formas para garantir sua representação como a mídia contra hegemônica ou alternativa, que são “espaços midiáticos construídos em conjunto, em que se pode expressar visões diferentes às dominantes.”. Como exemplo, é citado a agência jornalista Mídia Preta.

Para finalizar, o artigo traça, enfim, um paralelo conclusivo entre a escravização brasileira, a falha na aparato legislativo, as mídias alternativas e como as redes sociais se

mostram como espaços para exercício da visão contra hegemônica. Neste momento, é realizada uma análise de conteúdo do Quilombo Mimbó e do Quilombo do Campinho da Independência, e como é realizada a sua comunicação por meio do Instagram.

Conclusão

Em síntese, a colonização e a escravização continuam reverberando na contemporaneidade, especialmente na vivência de grupos minorizados. A existência dos perfis de Quilombos nas redes sociais mostra como a história quilombola não se resume ao passado, sempre sendo mencionado o que a colonização trouxe de consequência à vida nas comunidades quilombolas. Deste modo, espaços midiáticos contra hegemônicos servem como um local poderoso de compartilhamento da história, e de ensinamento, e se torna ainda mais importante ao traçar o paralelo da falta de representação Quilombola na legislação, bem como na violenta história brasileira.

Assim, os Quilombos analisados apresentam à sociedade a rotina de sua vivência e de uma comunidade em constante construção coletiva, mostrando que os esses espaços resistem às leis que não agem em favor aos grupos minorizados que neles vivem. Logo, a resistência Quilombola realiza um movimento contra a mentalidade colonizada, e se coloca diante da sociedade dando voz a história negra brasileira. Por meio das redes sociais, então, os Quilombos encontram um local para construção de sua história no presente, continuando a reverberar e eternizar a história por meio de ferramentas digitais.

REFERÊNCIAS

KABENGELE, Munanga. Origem e Histórico do Quilombo na África. Revista USP, São Paulo (28): 56-63, dezembro/fevereiro, 1995/1996. Acesso em: 10 jan. 2022.

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. 2006. Crítica da Imagem Eurocêntrica. São Paulo: CosacNaify, p. 21.

MAKOWIESKY, Sandra. Representação: a palavra, a ideia, a coisa. Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas, Nº 57, dezembro de 2003.

PAIVA, Vitor. Faber Castell cria linha de lápis com 6 tons de peles diferentes. Hypeness.

Disponível em: <<https://www.hypeness.com.br/2018/08/faber-castell-cria-linha-de-lapis-com-6-tones-de-peles-diferentes/>>. Acesso em: 12 jan. 2022.

RÊ, Eduardo; CAMPOS VIDIGAL TAKAHASHI DE SIQUEIRA, Isabela; REIS ROMUALDO, Julia; et al. Os direitos dos quilombolas no Brasil. Politize! Disponível em: <<https://www.politize.com.br/equidade/blogpost/direitos-dos-quilombolas-no-brasil/>>. Acesso em: 12 jan. 2022

ALVES, Castro. Domínio Público - Pesquisa Básica. www.dominiopublico.gov.br. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraDownload.do?select_action&co_o_bra=1786&co_midia=2>. Acesso em: 10 mai. 2022.

MORAES, Dênis. O papel e os desafios da comunicação contra hegemônica em rede. Blog da Boitempo. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2013/02/27/o-papel-e-os-desafios-da-comunicacao-contra-hegemonica-em-rede/>>. Acesso em: 29 abr. 2022.

ANDRADE, Rani. Representatividade: o que isso significa? Politize! Disponível em: <<https://www.politize.com.br/representatividade/>>. Acesso em: 28 Dec. 2021

CELEPAR. quilombolas - Legislação - Centro de Apoio Operacional das Promotorias de Justiça dos Direitos Humanos. direito.mppr.mp.br. Disponível em: <<https://direito.mppr.mp.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=29>>. Acesso em: 07 Mar. 2022.

GÓES, Laércio Torres. Contra hegemonia e Internet: Gramsci e a Mídia Alternativa dos Movimentos Sociais na Web 1 Laércio Torres de Góes. [s.l.]: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, [s.d.]. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2007/resumos/r0364-1.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2022.

FERRARI, Márcio. A economia dos quilombos. revistapesquisa.fapesp.br. Disponível em: <<https://revistapesquisa.fapesp.br/a-economia-dos-quilombos/>>. Acesso em: 02 jun. 2022.

O Projeto. Piauí Conectado. Disponível em: <<https://www.piauiconectado.com.br/2020/01/15/o-projeto/>>. Acesso em: 04 abr. 2022.

Série Inclusão: antes excluídos, hoje índios e negros participam ativamente do processo eleitoral. Jusbrasil. Disponível em: <<https://tse.jusbrasil.com.br/noticias/100467692/serieinclusao-antes-excluidos-hoje-indios-e-negros-participam-ativamente-do-processo-eleitoral>>.